

**José de Mesquita**  
Da Academia Matogrossense de Letras

# A Academia Mato-grossense de Letras – Suas Origens – Sua atuação – Necessidade e oportunidade da Federação das Academias

(Tese apresentada ao Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literária do Brasil, pelo Desembargador José de Mesquita, presidente da Academia Mato-grossense de Letras)

**Revista de Cultura**  
Ano X – Num. 115, Julho – 1936  
Págs. 9 a 22  
Diretor: Pe. Thomas Fontes  
Redação: Rua do Catete, 160 – Rio de Janeiro

JOSÉ DE MESQUITA



**José Barnabé de Mesquita**

(\*10/03/1892 †22/06/1961)

Cuiabá - Mato Grosso

**Biblioteca Virtual José de Mesquita**  
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>



**A Academia Mattogrossense de Letras — Suas  
Origens — Sua actuação — Necessidade e  
oportunidade da Federação das Academias**

(These apresentada ao Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literária do Brasil, pelo Desembargador José de Mesquita, presidente da Academia Mattogrossense de Letras)

**ORIGENS**

Para se formar uma idéa nítida e segura do papel que vem exercendo, na evolução literária de Mato Grosso, a «Academia Mato-grossense de Letras», mister se faz estudar-lhe os antecedentes históricos, através das varias associações que a precederam e que formam, por assim dizer, os elos que se concatenam uns aos outros, na corrente do desenvolvimento cultural do grande Estado. A Academia é a culminância de uma serie conjugada de esforços e trabalhos de mais de uma geração e não há como a isolar desse movimento de idéas, que vem se processando de longa data, podendo-se affirmar que a floração radiosa do presente amebe o seu encanto e haure o seu aroma no húmus fecundo e escuro de um Passado remoto, onde se lhe approfundam as raízes.

Um ensaio acerca do espírito associativo em Mato Grosso, ou melhor, em Cuiabá, a vetusta Capital que até bem pouco absorvia toda a vida intellectual mato-grossense, permitiria remontar ás origens remotas da Academia, que teve suas ancestraes em outras aggremações, como a *Associação Literária Cuiabana*, que se incorporou mais tarde ao *Centro Mato-grossense de Letras*, o qual, por sua vez, se transformou na actual *Academia Mato-grossense de Letras*.

**A ASSOCIAÇÃO LITERARIA CUIABANA**

Fructo da energia conjugada de meia dúzia de homens de boa vontade, a *Associação Literária Cuiabana* appareceu num período que se pode dizer privilegiado da Historia mato-grossense, a década de 1880 a 1890, assignalada por um notável incremento intellectual, que acompanha de perto a agitação político-social precursora da Abolição e da Republica. Foi uma verdadeira renascença para a cultura da grande Província central o decennio oitentista do século XIX. (1) Virgilio Correa Filho, o emérito ensaísta das «Monographias Cuyabanas» denomina «década fecunda» a que se seguiu á guerra, podendo-se dizer que, realmente, foi o período da sementeira, que veio abrolhar, opulenta, nos últimos dez annos do regime imperial. (2)

Não ficou ainda sufficientemente esclarecida a gênese da *Associação Literária Cuiabana*. O douto ephemeridista das «Datas Matogrossenses», Estevão de Mendonça, dá-lhe 21 de outubro de 1884 como o dia da definitiva organização. Parece que realmente a eleição da sua primeira Directoria se fez nessa data, conquanto a sua installação somente se effectuasse a 30 de novembro seguinte. Os «Estatutos da Associação Literária Cuiabana», impressos na Casa Laemmert, do Rio, em 1885, trazem a indicação final — Cuyabá, 11 de outubro — sem precisar o anno, que deve ser 1884. Assignaram a Constituição do Grêmio Literário, Emiliano Ângelo de Oliveira Pinto, Antonio Pedroso Pompeu de Barros e Francisco Correa da Costa Sobrinho, dos quaes o ultimo apenas figura na nomina dos fundadores mencionados nas «Datas» (3)

1) *Virgilio Correa Filho* — Questões de ensino, pág. 31.

2) *José de Mesquita* — Um homem e uma época, na Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso, n.º XIII.

3) *Estevão de Mendonça* — Datas matogrossenses, II, 325.



#### A ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

Os livros da sociedade esclarecem, por outro lado, as duvidas que poderiam surgir quanto á sua fundação, que «A Tribuna» de 6 de dezembro de 1888 faz recuar a 1882, quando affirma haver a Associação Literária Cuiabana festejado, a 30 de novembro daquelle anno, o seu sexto anniversário. Todos os assentamento sociaes datam de novembro de 1884, sendo de 10 desse mês os primeiros registros de despesa e receita e de 30 os primeiros lançamentos de saídas de livros da bibliotheca. A Mesa eleita para o período inicial compunha-se de Antonio de Paula Correa (presidente), Joaquim José Ferreira da Silva (vice-presidente), Francisco Correa da Costa Sobrinho (secretário) e Antonio Modesto de Mello (thesoureiro). Essa Directoria foi reeleita, em 27 de dezembro de 1885, para o anno a seguir, substituídos apenas o vice-presidente por Francisco Correa e este, na função de 1º secretario, por Flavio de Mattos (4).

A Associação Literária Cuyabana teve o seu período áureo de 1884 a 1894. É o que se deprehe de da leitura dos jornais coevos, do exame do seu archivo, zelosamente conservado na *Academia Mato-grossense* — sua sucessora e continuadora — e, ainda de antigos membros da extinta sociedade. O livro de matriculas accusa, em 1892, 184 sócios, em 1894, 132, em 1895, 112, decrescendo sensivelmente a partir dessa data. Por outro lado, os livros de inventário das obras da Bibliotheca registam o mesmo diagramma ascencional até 1894, sendo em 1888 de 1010 o numero obras, para 1659 volumes e, quatro annos após, de 1348 obras e 2485 volumes. Perdeu-se infelizmente, o livro de actas da Associação Literária Cuyabana correspondente á phase anterior a 1893, que seria o melhor subsidio ao estudo daquelle grêmio, no seu período mais prospero. Existe no archivo somente um livro de actas relativo aos annos de 1893 a 1902., sendo a primeira sessão nelle referida datada de 11 de janeiro daquelle anno e a derradeira de 31 de dezembro deste ultimo.

4) «A Tribuna», de 31-12-1885.

#### JOSÉ DE MESQUITA

Constam ainda do archivo vários livros de visitas, que não são, como se poderia suppor, de impressões dos freqüentadores da sede, mas apenas de registo nominal dos que iam ler ou procurar livros na bibliotheca, uma espécie assim de livro ponto, com a mesma disposição chronologica desses registos burocráticos. Os demais são conta-correntes, balanços, ecripta pertinente á vida financeira da Associação, trabalho minudente e fiel, que espelha ao vivo a dedicação o competência do thesoureiro Faria Albernaz, cujas qualidades de rectidão e zelo lhe valeram accumular, na sua época, tantas funções dessa natureza, que acabou sendo uma espécie de thesoureiro-nato e perpetuo de todas as sociedades do seu tempo.

A renda se compunha da contribuição dos sócios, discriminada em jóia, a razão de 2\$000, e mensalidade, na importância de 500 reis, de accordo com o art. 21 dos Estatutos. Comquanto pareçam hoje insignificantes semelhantes quotas, o certo é que a receita mensal, proveniente apenas de tais rubricas, chegou a produzir 207\$000 de 15 de fevereiro a 15 de março de 1885.

Installada no sobrado da Rua de Cima, esquina da Travessa Voluntários da Pátria, a Associação Literária Cuyabana manteve-se ali até que foi transferida, em 1885, para o próprio nacional do Largo da Sé, canto da Rua 13 de Junho, onde funcionou até 1898, mudando-se nesse anno para a Rua Antonio João, fundos da casa Martiniano. Nesse prédio da rua da Esperança foi que conheci, já em pleno declínio, a historia da sociedade, que se pode considerar a primeira tentativa de coordenação cultural em Mato Grosso. Devo-lhe, posso dizer com segurança, a minha iniciação literária, feita precocemente, aos 12 annos. Lembra-me, como se fosse hontem. Íamos á noite, pelas sete horas, trocar os livros já lidos por outros.



### A ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

Na meia sombra daquelle canto de rua, com um accentuado aspecto colonial, em que um lampeão de kerosene punha a sua claridade baça, destacava-se, immenso para a minha imaginação juvenil, o salão da Bibliotheca. Aquellas sortidas nocturnas, no recolhido ambiente da Cuyabá de antanho, tinham para mim o mysterio velado de uma aventura. Às vezes, encontrávamos ainda fechado o salão e era preciso esperar a chegada do porteiro, o velho João Agostinho Martins, por antonomásia o *Candimba*. O que não li, ou melhor devorei, com esse appetite insaciável da adolescência, durante os dois annos ou três em que fomos assignantes da Associação Literária! Todo Macedo, Alencar, Dumas, Montepia, Ponson, Escrich, para falar somente nos de maior vulto, passaram-me pelas vistas e pela imaginação enfebreçada . . . e através das paginas do «Moço Louro» ou das «Minas de Prata», dos «Mohicanos de Paris» ou do «Cura da Aldeia» eu ia, menino e moço, desvendando os arcanos da vida e criando na minha mente os ideaes românticos que lhe formam o substrato e nunca mais me abandonariam no resto da existência . . .

Já então entre 1904 e 1908, a Associação Literária Cuyabana se arrastava, em lenta decadência, á qual se seguiria um prolongado collapso, precursor do desaparecimento. Depois de ter prestado os maiores serviços á disseminação da cultura em Mato Grosso, através da sua Bibliotheca, realmente notável para a época, e da articulação de elementos de valor da intellectualidade cuyabana, deveria a benemérita agremiação, numa longa agonia de cerca de vinte annos, vir a perpetuar-se, na transferênciã que fez do seu patrimônio ao «Centro Mato-grossense de Letras», fundado em 1921.

Comquanto o seu objectivo se resumisse na criação de uma bibliotheca «que lhe proporcione a diversão útil e agradável da leitura» (5), a Associação Literária Cuyabana irradiou os seus benefícios influxos no seio da sociedade

5) Estatutos da Associação Literaria Cuyabana, Art. 1º

### JOSÉ DE MESQUITA

cuyabana, que lhe deve — a par da «Sociedade Dramática Amor á Arte», sua contemporânea — uma phase de vida intellectual apreciável e digna de registo.

Em seus derradeiros tempos, a Associação Literária Cuyabana se transferiu, successivamente, da rua Antonio João para as ruas 13 de Junho (residência de Manuel de Faria Albernaz), Joaquim Murтинho (hoje João Pessoa), no prédio da Inspectoria da Hygiene, e, finalmente Ricardo Franco (em casa de Odorico Tocantins).

No louvável intuito de impedir o completo esphacelamento do acervo subsistente da velha Associação, cogitou o «Centro Mato-grossense de Letras» em conseguir incorporação ao seu cadastro do remanescente da Associação Literária Cuyabana.

Para esse fim delegou poderes, em 1923, ao sócio Dr. João Barbosa de Faria, que havendo encontrado certa reluctancia por parte de alguns dos responsáveis pelo espolio da Associação Literária Cuyabana, desistiu do intento, trazendo ao conhecimento do «Centro» o mallogro das negociações. Pouco depois, em sessão de 6 de abril de 1924, nomeou o presidente do Centro Mato-grossense de Letras, uma comissão composta dos sócios Profs. Alcindo de Camargo, Philogonio Correa e Antonio Fernandes de Souza, para promover os necessários passos junto á Directoria da Associação Literária Cuyabana conducentes ao desiderato visado. Desempenhou-se essa Comissão com muita felicidade do seu encargo, tendo contribuído para esse resultado a boa vontade do presidente da Associação Literária, major Manuel Ferreira da Costa. E no relatório de 7 de setembro desse anno, a presidência do «Centro Mato-grossense» podia referir, com satisfação, o facto auspicioso da incorporação das 425 obras, em 712 volumes, além do sólido e valioso mobiliário da Associação Literária Cuyabana, ao patrimônio do «Centro». A dádiva preciosa se, por uma parte, vinha opulentar a incipiente bibliotheca do «Centro», por outra, salvava de completa ruína e dismantelo total o resto do acervo da Associação Literária,



### A ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

que assim não desapareceria senão em nome, prosseguindo vinculada á vida mental cuyabana — bem se lhe podendo aplicar á justa o expressivo dístico horaciano das Odes — *Non omnis moriar*. De todo não morrerei!

### **O CENTRO MATO-GROSSENSE DE LETRAS**

O «Centro Mato-grossense de Letras» assignala a phase característica da Renascença literária em Mato Grosso. Estabelecida, como ficou, em ligeiro ensaio histórico acerca da evolução da cultura das letras no grande Estado, a década de 1910 a 1920, como marco limitador da era contemporânea, o «Centro» vem justamente — tal a influencia decisiva que exerceu nessa evolução — dividir a chronologia literária mato-grossense em dois períodos que se podem definir: antes do «Centro» e depois do «Centro» (6).

Preparou-lhe propicio terreno ao abrolhamento a «Revista Mattogrosso» editada pelo Lyceu Salesiano S. Gonçalo, magnífica e opulenta colméia literária que congregara elementos intellectuaes das mais variadas gerações, em torno do Padre Helvécio Gomes de Oliveira (hoje Arcebispo de Mariana) e, depois, do padre Francisco de Aquino Correa (actual Arcebispo de Cuiabá). Nas paginas desse mensário começaram a apparecer, a par de nomes consagrados como Costa Ribeiro, Ferreira Mendes, Firmo Rodrigues e outros, as revelações de uma nova plêiade de jovens escriptores, poetas ou prosadores, destinados a formar o núcleo construtivo da futura aggremação de letras na capital mattogrossense. Ensejou, por outro lado, esse alvorecer do gosto artístico e literário, o período de prolongada calma política e relativo bem estar, que gosou o Estado depois das terríveis e muitas vezes sangrentas luctas partidárias de 1892 a 1906.

6) *Mesquita* — Epítome da Historia Literária de Mato Grosso, na «Revista de Cultura», num 90, Junho de 1934, p. 264.

### JOSÉ DE MESQUITA

Uma nova geração subia ao tablado da vida publica e essa «nova geração trazia uma profunda crença no futuro de Mato Grosso, um culto extremado das suas grandezas e, quer na lyra dos seus poetas quer nas paginas dos seus prosistas, se affirma unisona essa visão esperançosa de um porvir alviçareiro para a sua terra» (7).

Factores de ordem econômica e social, como a alta da borracha, a inauguração da Noroeste, em 1914, as commemorações bicentenárias da Capital em 1918, trazendo, como consequência, um surto de vida e animação para a lendária cidade nortina, foram tantos outros componentes, que não podem ficar esquecidos, criando esse estado de receptividade, a que só faltava apenas o *fiat* momentâneo para a criação.

Logo ao inicio do decennio seguinte, em 1921, sob os auspícios do Governo do Bispo-Presidente, surgia, a 22 de Maio, o «Centro Mato-grossense de Letras» precedido de pouco pelo «Instituto Histórico de Mato Grosso» (1919), e pelo «Grêmio Literário Julia Lopes» de formação feminina (1916), todos os três destinados a prestar á cultura mental de Mato Grosso os mais assignalados serviços (8).

A carta de convite para a reunião inicial, verdadeiro documento histórico, trazia a assignatura de José Mesquita, João Barbosa de Faria e Lamartine Mendes, realizando-se na casa do primeiro, á rua 13 de Junho, nº 173, os primeiros encontros entre os organizadores do plano e dos estatutos sociaes.

7) *Mesquita* — Epítome da Historia Literária de Mato Grosso, na «Revista de Cultura», num 90, Junho de 1934, p. 264.

8) Alem desses merecem referidos outros, já desaparecidos, como o «Grêmio Castro Alves», o «Club Minerva», o «Grêmio Álvares de Azevedo», etc.



Lançadas as bases do sodalício, cujo nome ficou logo assentado por maioria — apenas uma pequena minoria optara desde logo pela criação de uma Academia — agregaram-se como fundadores outros nove sócios, que foram D. Aquino Correa, Estevão de Mendonça, João Cunha (falecido), Virgílio Correa Filho, Miguel Carmo de Oliveira Mello, Philogonio de Paula Correa, Cesário Prado, Carlos Gomes Borralho e Franklin Cassiano.

Esses doze, por sua vez, escolheram outros tantos que deveriam integrar o numero de 24 cadeiras constitutivas do «Centro»: — Anna Luisa da Silva Prado, Antonio Fernandes de Souza, Augusto Cavalcanti de Mello, Joaquim Gaudie de Aquino Correa, José Magno da Silva Pereira (falecido), José raul Vilá, Leovegildo Martins de Mello (falecido), Manuel Paes de Oliveira, Manuel Xavier Paes Barreto, Octavio Cunha, Palmyro Pimenta e Ulysses Cuiabano.

A sessão de instalação solenne do «Centro» se effectuou, em memorável tertúlia, no dia 7 de setembro de 1921, no salão nobre do Palácio da Instrução, presidida pelo próprio Chefe do Estado, e seu Presidente de honra, Dom Aquino Correa, que produziu uma oração magistral, traçando os rumos e o programma da novel sociedade.

Logo no anno seguinte lançou o «Centro» a sua «Revista», de que foram publicados com rara pontualidade, 22 números — de 1922 a 1932 — e deu inicio á serie de conferencias e estudos, que, proferidas em animadas e concorridas sessões litero-musicas, muito tem contribuído para a elevação da cultura e do bom gosto no seio da gente cuyabana.

Cada um dos membros do «Centro» se obrigara a fazer, pelos Estatutos, o elogio do seu patrono, estudar-lhe a vida, a obra, a época da actuação. Foram assim proferidas, no lapso de 11 annos, de 1921 a 1932, as 18 seguintes conferencias de estudos patronicos:

*Joaquim Murtinho*, por Joaquim Gaudie de Aquino Correa (26 de novembro de 1921); *Antonio Correa da Costa*, por Virgílio Correa Filho (12 de janeiro de 1922); *Antonio Vieira de Almeida*, por Cesário Prado (2 de maio de 1922); *José Estevão Correa*, por Philogonio de Paula Correa (14 de agosto de 1922); *Luis d'Alincourt*, por Antonio Fernandes de Souza (17 de fevereiro de 1923); *P. Ernesto Camillo Barreto*; Ovídio de Paula Correa (21 de abril de 1923); *José da Silva Guimarães*, por Alcindo de Camargo (7 de setembro de 1923); *Manuel Esperidião*, por Octavio Cunha (12 de outubro de 1923); *Veiga Cabral*, por Palmyro Pimenta (29 de maio de 1924); *Frederico Prado*, por João Cunha (7 de fevereiro de 1925); *Francisco Catharino*, por Isác Povoas (21 de março de 1925); *José Thomaz*, por Cesário Neto (6 de junho de 1925); *Ramiro de Carvalho*, por Franklin Cassiano (19 de setembro de 1925); *P. José Manuel de Siqueira*, por D. Aquino Correa (12 de dezembro de 1925); *Pimenta Bueno*, por Allyrio de Figueiredo (17 de setembro de 1927); *Couto de Magalhães*, por José de Mesquita (31 de outubro de 1928); *Joaquim Mendes Malheiros*, por Francisco Mendes (13 de dezembro de 1930) e José Barbosa de Sá, por Leônidas de Mattos (20 de fevereiro de 1932).

Os patronos das cadeiras ns. 5, 10, 15 e 16, respectivamente P. Ernesto Camillo Barreto, Joaquim Murtinho, P. José da Silva Guimarães e José Thomaz, tiveram, em virtude do afastamento dos primeiros occupantes, novo estudo feito pelos sócios Nilo Povoas, Oscarino Ramos, D. Maria de Arruda Müller e Olegário de Barros.

Não se limitou o «Centro» a essa serie de Estudos sobre os paronymphos das suas cadeiras: varias outras conferencias foram dadas, tendo como thema *Bilac*, por José Raul Vilá (28 de dezembro de 1921); *Machado de Assis*, por Cesário Prado (29 de setembro de 1924) e *Nuno de Andrade*, por Isác Povoas (28 de dezembro de 1927).



## A ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

A par das Revistas e das conferencias, desenvolvia ainda o «Centro» a sua actividade mantendo animadas «horas literárias», para leitura de trabalhos dos seus associados, a partir de 25 de outubro de 1925.

A sua Bibliotheca, iniciada logo após a fundação, em 1921, prestou, por outro lado, apreciáveis serviços á cultura cuyabana, franqueada á leitura publica, conforme ficou estabelecido desde a sua installação. Facilitando o intercambio mental com as outras unidades da Federação, mantinha o «Centro» activa permuta de publicações com sociedades congêneres, do mesmo passo que organizava um escolhido corpo de correspondentes em todos os Estados brasileiros.

Empenhado nas obras de civismo, bem como nas de philantropia, promoveu, com concurso de outras aggremações, como o Instituto Histórico e os Grêmios «Julia Lopes» e «Castro Alves», mais de um festival commemorativo de ephemerides pátrias ou visando favorecer instituições de caridade e assistência social.

A obra do «Centro Mato-grossense de Letras», em pouco mais de uma década, avulta aos olhos dos mais superficiaes observadores e prossegue, sem o menor hiato, mantida actualmente por sua continuadora, que é a «Academia Mato-grossense de Letras» — e que hoje arregimenta em seu seio os elementos mais representativos da intellectualidade do grande Estado.

## **A ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS**

Foi a 15 de agosto de 1932 que, mediante proposta subscripta por 19 dos seus membros do «Centro Mato-grossense de Letras», se resolveu, na forma do art. 22 dos respectivos Estatutos, transformar-se o mesmo «Centro» em «Academia Mato-grossense de Letras».

## JOSÉ DE MESQUITA

Justificava-se a proposição com a vitalidade ostentada pela aggremação literária, em onze annos de trabalhos e bem assim pele idéa da possível federação das Academias estaduaes, tendo por mira «um mais estreito concurso e uma cooperação mais efficiente no sentido do desenvolvimento intellectual do país.»

Approvada unanimemente a indicação, foi installada, em memorável sessão, levada a effeito a 7 de setembro do mesmo anno, a «Academia Mato-grossense de Letras».

Manteve-se-lhe o mesmo numero de cadeiras e quase a mesma feição estructural da sociedade que a precedera. Os novos Estatutos, promulgados a 22 de abril de 1933, declararam, no seu art. 1º, que a Academia «a cuja categoria se elevou o Centro homonymo, ao qual ella substitue, e succede e continua, conserva a mesma sede e a mesma finalidade, que é promover e intensificar a cultura da língua e literatura nacionaes.»

Em substituição á «Revista do Centro Mato-grossense de Letras», surgiu, em 1933, a «Revista da Academia Mato-grossense de Letras», da qual já foram editados os volumes I a VIII, correspondentes aos annos de 1933 a 1936.

A sede social, doada pelo Estado, é a «Casa Barão de Melgaço», nobre e bello edificio, cuja história se liga á vida do grande Leverger, o bretão cuyabanizado, na expressão feliz de Virgilio Correa Filho. Mantem ali a Academia a sua bibliotheca, já constituída por cerca de 2000 volumes, alem de farta messe de publicações periódicas. No seu «salão nobre», um dos mais amplos e bellos da Capital mato-grossense, construído recentemente, nas administrações Fenelon Müller e Mario Correa, se acha iniciada a galeria dos patronos, já constituída por quatro dos vultos notáveis ligados á Historia e á cultura contemporânea, que são o Barão de Melgaço, Couto de Magalhães, Padre Ernesto Camillo Barreto e Manuel Esperidião.



### DA UTILIDADE DA ACADEMIA

Excusa insistir nos benefícios que á cultura mato-grossense tem trazido a Academia de Letras. Elles se patenteiam ao mais rápido exame. A divulgação do trabalho dos escriptores do quase desconhecido Estado central seria, por si só, serviço benemérito. Outros, porem tão relevantes como esse, se enfileiram no cadastro do grêmio belletrístico. O desenvolvimento da cultura e do gosto artístico, despertando, como os seus festivaes, vocações musicaes e declamatórias ; o amparo á expansão das artes, tendo o patrocínio do primeiro Salão de Pintura organizado, em 1935, em Cuiabá, pelo Prof. Jorge Bodstein; intercambio accentuadamente crescente entre os vários municípios do Estado e entre os diversos Estados; surto animador que a Academia vem emprestando á bibliographia mato-grossense, hoje relativamente avultada; irradiação da sua Revista e o papel desempenhado, na divulgação das boas letras, por sua bibliotheca — são outros tantos inestimáveis concursos que a Academia Mato-grossense de Letras traz á grande tarefa educacional e cultural, hoje tão preconizada no Brasil. No tocante á contribuição bibliographica dos acadêmicos mato-grossenses, citam-se, *currente calamo*, as seguintes obras, muitas das quaes editadas mesmo na Capital do Estado:

*D. Aquino Correa* — Odes (comprehendendo *Psalmódias, Melodias e Rhapsodias*); *Terra Natal* (poesias); *Flor d'Alleluia* (poemeto); *Discursos*; *Castro Alves e os Moços* (estudo critico); *Uma flor do clero cuiabano* (bioographia), além de grande numero de conferencias, orações, pastoraes, etc.

*José de Mesquita* — *Poesias (do Amor, da Natureza, do Sonho e da Arte)*; *Terra do berço* e *Da Epopéia Mato-grossense* (versos); *A cavallhada e Espelho de Almas* (contos); *Elogios do Dr. Antonio Correa* e do *Gal. Caetano Albuquerque*; *O thaumaturgo do sertão* e *João Poupino Caldas* (ensaios biographicos); *O Catholicismo e a Mulher, Um Paladino do Nacionalismo* e *Semeadoras do Futuro* (conferencias).

*Lamartine Mendes* — *Serras e pantanaes* e *Águas passadas* (poesias).

*Allyrio de Figueiredo* — *Poesias, Poemas e Poeira*.

*Antonio Tolentino de Almeida* — *Illusões douradas*; *A índia Rosa*; *A retirada de Laguna*; *A retomada de Corumbá*, etc.

*José Raul Vilá* — *Rondônia* (poemeto).

*Arnaldo Serra* — *Aromita* (versos) e *Almas penadas* (contos).

*Virgilio Correa Filho* — *Mato Grosso*; *Notas á margem*; *As raias de Mato Grosso*; *Monographias Cuyabanas*; *Politica de Mato Grosso*; *Questões de terras*, etc.

*Estevão de Mendonça* — *Datas Mato-grossenses*.

*Philogonio Correa* — *Limites de Mato Grosso com Goiás*.

*Antonio Fernandes de Souza* — *A invasão paraguaya em Mato Grosso*.

*Augusto Cavalcanti de Mello* — *Tabernaculo* (versos); *O impostor* (comédia) e as traducções de *Hieronymus, Çunacepa, As Erynnias* e *o Avarento*.

*Cesário Prado* — *Nótulas sobre alguns serviços fiscalizados pelas delegações do Tribunal de Contas*.

*Franklin Cassiano* — *Subsídios para o estudo da dialetologia em Mato Grosso*.

*Nilo Póvoas* — *A politica de Mato Grosso e a intervenção federal*; *Esboço de Historia da Literatura Brasileira*.

*Ovídio de Paula Correa* — *Discurso de recepção*.



### A ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

*Cesário Neto — Discurso de posse; Na pista do Rocinante; Theses* (Concurso de Português).

*Soter Araújo — Ex-tudo* (versos).

*Generoso Ponce Filho — D. Aquino Correa* (discurso); *Por Mato Grosso na Federação; Na Assembléia Nacional Constituinte*.

*Severino Ramos de Queiroz — Formulário ortográfico e No caminho do saber*.

*Peri Alves de Campos — Flor do Mato; Dyschromatopsias* (these).

*Carlos Vandoni de Barros — Nhecolandia*.

*Gal. Rondon — Estudos e Conferencias* que figuram na valiosa e grande bibliographia da Comissão Rondon e que constituem precioso repositório de informações sobre cousas mato-grossenses. Ainda recentemente, vieram a lume no Rio varias obras mato-grossenses, como *Pelo Brasil Central*, de Frederico Rondon e *Areotorare*, versos de Lobivar de Matos (9).

O surto promissor da bibliographia mato-grossense se deve, inquestionavelmente, ao bafejo da Academia (antes «Centro»), a par das outras sociedades congêneres existentes no Estado, notadamente o Instituto Histórico e o Grêmio «Julia Lopes» — que ambos mantem seu órgão na imprensa: a *Revista do Instituto e A Violeta*.

Fora da Capital, são dignos de nota, como propulsores da vida intellectual, o *Gabinete Corumbaense de Leitura* e a *Sociedade da Biblioteca de Campo Grande* (10).

9) Alguns desses não são membros da Academia Mato-grossense de Letras, mas força é convir que ao influxo exercido pela Academia se deve ao surto das letras mato-grossenses.

10) Embora não sejam propriamente sociedades literárias, muito tem feito pela cultura local.

### JOSÉ DE MESQUITA

#### **MEIOS DE PROMOVER O DESENVOLVIMENTO DAS ACADEMIAS**

Muitos e diversos se ensejam os meios de promover o desenvolvimento das Academias consideradas como instituições de real proveito para a cultura. Entre elles são de apontar-se os seguintes:

a) — a officialização das Academias, que, mantendo embora a sua autonomia de direcção e programma, devem ser consideradas institutos do Estado, por este assegurada a sua vida financeira.

b) — o intercambio mais efficiente com as demais sociedades, constituindo-se assim as Academias uma espécie de órgão director da actividade mental dentro do Estado.

c) — o amparo por parte do poder municipal, que deve ser obrigado a facilitar ás Academias sede e installação onde não as tiverem.

d) — a possibilitação, por parte das Academias, de publicar, em condições especiaes, as obras dos seus membros e dos patronos, mediante maior facilidade por parte das casas editoras, com as quaes se estabelecerão convênios especiaes.

e) — a franquia, por parte do Governo Federal, de porte no correio, para toda a correspondência das Academias, dê que levem a nota — *Serviço acadêmico de intercambio literário*.

f) — a redução da taxa telegraphica nos assumptos de interesse das Academias.

g) — divulgação de estudos bibliographicos, sob orientação das Academias, com repertórios periodicamente revistos, para tornar conhecidos os livros publicados no Estado, dentro de cada período annual.



### A ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

h) — a intensificação dos laços de aproximação entre as Academias, por meio de trocas de publicações e visitas mutuas de delegados, que irão conhecer *de visu* a cultura dos outros Estados e, ao mesmo tempo, divulgar os trabalhos da sua província literária.

Muitos outros pontos poderiam ainda ser indicados, se o permittisse a exigüidade do tempo. Ahi ficam, porem, em largas palhetadas, algumas suggestões, que a experiência de longos annos nos inculca e que, convenientemente examinadas, á luz das circunstancias especiaes de cada local ou occasião, poderão, convertidas em realidade, contribuir grandemente para o almejado desenvolvimento das nossas instituições culturaes.

Acima de tudo isso, entretanto, um factor decisivo pode e deve ser tentado e levado a effeito, no sentido de uma efficaz arregimentação das forças intellectuaes dos Estados, construindo o grande edificio da Cultura brasileira, uma, harmônica e bem orientada — num verdadeiro espirito de nacionalismo.

Referimo-nos á

### **FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS**

Idéa já por mais de uma vez agitada na imprensa do país e nos meios intellectuaes, não se lhe poderá encontrar terreno melhor, nem mais propicio, que este que ora se lhe enseja, com a aproximação e entendimento de todos os representantes das Academias e sociedades de cultura literária do Brasil, no grande Congresso promovido em boa hora pela Academia Carioca de Letras.

Em 1928, o «Diário de Pernambuco», folha mais que centenária e cujos créditos em todo país o collocaram como um dos nossos melhores jornaes, levantou, pela penna de mestre de Mario Mello, a iniciativa de uma Confederação das Academias Estaduaes.

### JOSÉ DE MESQUITA

Foi iniciado o movimento por uma carta dirigida ao Presidente da Academia Brasileira de Letras pelo citado jornalista, na qual se esboçava o plano confederativo, em suas linhas geraes, depois de exposta a conveniência do mesmo. Apreciando-o, no seu modo de ver, reputou-o impraticável o illustre escriptor João Ribeiro, a quem retorquiu, pelas columnas do «Diário de Pernambuco» de 8 de janeiro de 1928, o autor da iniciativa.

Levou-a após para o seio da «Academia Pernambucana de Letras», em sessão de 12 de fevereiro (11), relatando os antecedentes do caso, que affectou ao critério da douda corporação, havendo sido constituída uma Commissão para se manifestar sobre o assumpto. A Academia Brasileira por sua vez entrou a interessar-se pelo caso e, em carta a Mario Mello, declarou considerá-lo objecto digno de exame. Nessa época, pelas columnas do jornal «A Cruz», não regateamos applausos á empresa, que nos mereceu os seguintes conceitos:

«A suggestão Mario Mello, desde logo se diga, merece todo o apoio dos intellectuaes brasileiros. Basta o seu alto objectivo de tornar a Academia, de facto, o «Expoente das Letras Brasileiras» para faze-la digna de attrair sobre si todos os applausos dos bem intencionados — applausos que, desde logo, e effusivamente, aqui lhe deixamos» (12).  
Outro não pode ser o nosso modo de pensar que quase 10 annos de labor nas letras e no afan da intelligencia, em plagas remotas e esquecidas, vieram antes confirmar e fortalecer.

11) «Diário de Pernambuco», de 12-2-1928.

12) «A Cruz», de 24-6-1928.



### A ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

São, pois, os nossos votos mais sinceros e ardentes, que ficarão constituindo a conclusão desta these, no sentido de que o Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literária do Brasil collime os seus altos objectivos, entre os quaes, sem duvida alguma, nos afigura a mais relevante finalidade essa de lançar as bases da federação das Academias de Letras estaduais.

Conseguindo a effectivação dessa medida, teria mesmo, quando só ella conseguisse, realizado o Congresso uma obra de inestimável alcance, para o progresso das letras nacionaes e para o estreitamento dos laços de uma nobre e sadia brasilidade.